

A tradução de literatura escrita em português: Retrato da periferia¹⁵

Maria João Ferro

(Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL)
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CL/UNL))

A tradução desempenha um papel fundamental na sociedade, colocando em diálogo as várias culturas. Apesar da inegável existência de uma cultura dominante no mundo globalizado e da implantação do inglês como *lingua franca* em muitos setores da sociedade, o multilinguismo e o multiculturalismo têm concomitantemente vindo a ocupar o seu lugar nas redes de disseminação do conhecimento. Neste contexto, a tradução é uma infraestrutura fundamental da globalização, assegurando quer a passagem das línguas autóctones para a língua, ou melhor dizendo, as línguas dominantes de modo a atingir-se uma audiência global, quer o movimento inverso de conversão da informação transmitida nas línguas dominantes para as línguas autóctones.

Os fluxos de tradução mundiais, contudo, não refletem um equilíbrio entre as entradas e as saídas de textos escritos numa determinada língua, espelhando, pelo contrário, as desigualdades económicas, políticas e culturais que se vivem a nível mundial. Assim, e muito embora a língua portuguesa se apresente bem posicionada para assumir um lugar de destaque na sociedade globalizada e constituir-se como *lingua franca* em certos sectores, sendo a quarta mais falada em todo o mundo segundo o Observatório da Língua Portuguesa, a realidade da tradução, indicadora das relações culturais que se estabelecem entre os vários países, revela um cenário muito diferente.

Com base no sistema mundial de tradução proposto por Heilbron (1999, 2010), nesta comunicação analiso o panorama da tradução de obras literárias escritas em português. Sendo o português uma língua pluricêntrica, interessava-me desenhar o panorama geral da tradução de textos escritos em qualquer das variedades da língua e, portanto, editados originalmente em qualquer dos países onde o português é língua oficial. Por esse motivo, não fiz qualquer distinção, por exemplo, entre obras escritas em português europeu e obras escritas em português do Brasil, se bem que esse seja um estudo que terá de ser feito no futuro porque, como irei referir adiante, há pelo menos um autor brasileiro que se destaca de entre os autores que escrevem em português e cujas vendas ultrapassam em muito as vendas dos demais autores de obras literárias em língua portuguesa.

Apesar de algumas limitações, que irei explorar mais adiante, utilizei os dados estatísticos disponíveis na base de dados *Index Translationum*, mantida pela UNESCO, que contém informações relativas à publicação de traduções em cerca de cem países. Sempre que possível, completarei a informação com dados de outras fontes. Começarei por expor o sistema mundial de tradução de Heilbron e situar o português nesse sistema, antes de passar à análise empírica dos dados relativos às traduções de textos escritos em português. Por fim, apresentarei o retrato global da tradução da literatura escrita em português e farei algumas considerações relativamente às políticas culturais e linguísticas.

Desenvolvendo o campo da sociologia da tradução, Heilbron (1999, 2010) defende a existência de um sistema mundial de tradução, que justifica as desigualdades em termos dos fluxos de tradução *de e para* uma determinada língua. O autor classifica as línguas segundo a posição hipercêntrica, central, semicentral ou periférica que ocupam no sistema mundial de tradução, com base nos fluxos

¹⁵ Esta investigação foi levada a cabo com o apoio da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa — UID/LIN/03213/2013.

internacionais de livros traduzidos. Apoiando-se sobretudo no *Index Translationum*, que já referi, o autor conclui que o inglês ocupa a posição hipercentral no sistema mundial de tradução, uma vez que 55% a 60% de todas as traduções de livros têm como língua de partida o inglês, que, portanto, domina o mercado mundial das traduções (Heilbron, 2010). Atualmente, na posição central, encontram-se duas línguas, o francês e o alemão, cuja quota de traduções se situa em torno dos 10% do mercado mundial. Um terceiro nível corresponde às línguas semicentradas, que detêm entre 1% a 3% da quota de mercado, como o espanhol, o italiano e o russo. Por fim, as restantes línguas ocupam uma posição periférica, com menos de 1% do mercado mundial de traduções. É neste último grupo que se encontra o português, que, ao lado de línguas com um elevado número de falantes como o chinês, o japonês e o árabe, tem um papel relativamente subalterno no mercado mundial da tradução. Ao contrário do que seria de esperar, portanto, a dimensão de uma língua, medida segundo o número dos seus falantes, não é decisiva para o lugar que esta ocupa no sistema de tradução.

A hierarquia entre as várias línguas do sistema mundial de tradução, porém, não é estática e a posição de cada uma pode mudar com o passar do tempo, geralmente de uma forma gradual, acompanhando as alterações da posição geopolítica das nações onde é falada como primeira língua. A perda de importância do russo como língua de partida nos países do Leste Europeu, após a queda do muro de Berlim em 1989, é um bom exemplo dessa mudança, já que, no espaço de uma década, o russo passou de língua central para semicentral, assistindo-se simultaneamente à ascensão do alemão, que assim passou a ocupar o seu lugar.

As línguas centrais desempenham uma função veicular, na medida em que, geralmente, quando um livro é traduzido para uma língua central mais facilmente chamará a atenção de editoras noutros países. É, portanto, através da passagem para uma língua central que muitas obras conseguem obter visibilidade e entrar assim no sistema mundial de tradução, sendo frequentemente retraduzidas a partir dessa versão traduzida e não a partir do original. É isto que acontece, por exemplo, com as obras do turco Orhan Pamuk, que, em Portugal, são traduzidas a partir da sua tradução em inglês ou em francês.

A centralidade de uma língua implica também uma menor importação de obras escritas noutros idiomas, havendo uma relação de proporcionalidade inversa entre a centralidade de uma língua e o número de traduções publicadas nessa língua. Essa relação justifica que, em Portugal, onde se fala uma língua periférica na terminologia de Heilbron — e aqui já se começa a perceber o subtítulo desta comunicação — a percentagem de obras traduzidas relativamente às obras publicadas originalmente em português seja superior a 23%, segundo dados da Pordata para o período entre 1985 e 2014, com uma tendência crescente nos últimos quinze anos disponíveis, ou seja, entre 2005 e 2014, período em que as traduções ultrapassam os 25% de todos os títulos publicados em língua portuguesa (Pordata, 2015).

No Reino Unido e nos Estados Unidos, pelo contrário, as obras traduzidas rondam os 3%. Este número, aliás, tem sido aproveitado para dar nome a trabalhos de investigação e movimentos de promoção da literatura traduzida nos dois países anglófonos mais influentes. Nos EUA, a Universidade de Rochester mantém um sítio Web intitulado *Three Percent*, cujo objetivo é dar a conhecer aos leitores, editores e tradutores informações sobre literatura internacional moderna e contemporânea. Já no Reino Unido, o Mercator Institute for Media, Languages and Culture produziu um relatório com base nos dados estatísticos relativos à literatura traduzida no Reino Unido e na Irlanda, intitulado *Three percent?* (Donahaye, 2012). O ponto de interrogação no título remete para a conclusão do estu-

do: no Reino Unido e na Irlanda, a publicação de obras traduzidas tem mantido uma tendência de crescimento e situa-se, atualmente, um pouco acima dos 4%. O estudo refere que as editoras do Reino Unido e da Irlanda veem a publicação de traduções literárias como uma atividade comercial arriscada e, portanto, dependem de subsídios para a levarem a cabo. As causas frequentemente apontadas para a pequena quantidade de traduções literárias prendem-se com atitudes negativas enraizadas na população relativamente às línguas estrangeiras, o domínio internacional do inglês enquanto *lingua franca* e uma dificuldade persistente da aceitação, promoção e receção da literatura traduzida por parte das editoras, dos meios de comunicação e dos leitores (Donahaye, 2012).

Em França e na Alemanha, países cujas línguas são consideradas centrais por Heilbron, a percentagem de obras traduzidas situa-se entre os 12% e os 18%. As taxas de tradução mais elevadas encontram-se geralmente nos países que têm como língua oficial uma língua periférica, onde a própria atividade de tradução tradicionalmente goza de maior prestígio na sociedade. Esta assimetria entre as obras que entram e saem de um país é o resultado do estatuto e da autoridade cultural que a tradução tem num determinado país devido ao local que esse ocupa na ordem geopolítica internacional.

Tendo estabelecido a posição periférica que o português ocupa no sistema mundial de tradução, e que contrasta vivamente com o lugar cimeiro que ocupa no *top* das línguas mais faladas em todo o mundo, passarei a uma análise das traduções de textos literários originalmente escritos em português, de modo a traçar o «retrato da periferia» para que remete o subtítulo desta comunicação. Para tal, utilizarei o já mencionado *Index Translationum*, que é uma base de dados dos livros traduzidos e publicados em cerca de cem países membros da UNESCO, entre 1979 e 2009 na versão em linha, constituindo uma bibliografia internacional de traduções. Na versão impressa, o *Index Translationum* contém dados desde 1939. Segundo a página Web do *Index Translationum*, este contém atualmente mais de dois milhões de entradas de obras traduzidas, divididas em nove grupos temáticos:

- Generalidades, Bibliografia e outros;
- Filosofia e Psicologia;
- Religião e Teologia;
- Direito, Ciências Sociais e Educação;
- Ciências Naturais e Exatas;
- Ciências Aplicadas;
- Artes, Jogos e Desporto;
- Literatura;
- História, Geografia e Biografia.

Devo fazer a ressalva de que os dados constantes do *Index Translationum* podem apresentar algumas lacunas decorrentes da forma como a base de dados é alimentada, na medida em que a recolha da informação é efetuada pela entidade competente em cada país e nem todas as entidades entregam os dados nas datas previstas. Para o tipo de análise que apresento, porém, essa questão não tem grandes implicações.

Optei por analisar apenas as obras classificadas na temática Literatura, a oitava do *Index Translationum*, por dois motivos fundamentais. Por um lado, analisando a totalidade de obras traduzidas a partir do português, facilmente se percebe que a maioria das obras se encontra neste grupo temático, quase 60%, na verdade. Esta concentração numa única temática é, aliás, característica das línguas periféricas, que geralmente fornecem uma menor variedade de originais. Por outro lado, a literatura é uma forma de transmissão da cultura e identidade de um povo e, como tal, de uma extrema importância para a construção da alteridade possibilitada pela circulação das obras traduzidas.

Considerando apenas as obras classificadas no *Index Translationum* como pertencentes à temática Literatura, a lista dos 50 autores mais traduzidos (dos que escrevem em língua portuguesa, entenda-se) é dominada por autores brasileiros, que representam 56% desses 50. Em termos de representatividade, seguem-se os autores portugueses, com 38%. Oriundos de Angola, surgem na 27.^a posição, Artur Pepetela, e na 40.^a posição, José Eduardo Agualusa. E apenas um autor moçambicano integra a lista: Mia Couto, na 17.^a posição.

É de salientar o número de títulos traduzidos do autor Paulo Coelho que, no cômputo geral dos 100 autores mais traduzidos de todas as línguas, o coloca na 68.^a posição entre Ken Follett e Hergé, e faz dele uma exceção entre os autores que escrevem em português. Já José Saramago, o autor português mais traduzido, teve um incremento de 36% no número de traduções em 1999, o ano a seguir a ter sido galardoado com o prémio Nobel da Literatura, tendo o número de traduções das suas obras regressado ao nível que tinha antes de 1998 no espaço de uma década. Se bem que os prémios culturais e literários sejam importantes para a promoção de autores no estrangeiro, o seu efeito desgasta-se ao fim de algum tempo e a atribuição de um prémio não é garantia de reflexo nas vendas, embora geralmente, e compreensivelmente, as impulse.

Enquanto língua de chegada, o português representa quase 3% de todas as traduções literárias. No cômputo geral, em que a esmagadora maioria das línguas não atinge 1% e que as cinco línguas que ocupam o topo da lista das línguas de chegada representam 45% de todas as traduções, podemos dizer que o português é uma das línguas para as quais mais se traduz, o que está de acordo com a sua posição periférica no modelo de Heilbron e com a constatação de que a centralidade de uma língua é inversamente proporcional ao número de traduções efetuadas para essa língua. Num apontamento relativamente a Portugal, acrescento que, de entre as línguas de partida das traduções publicadas no país, o inglês ocupa a fatia de leão, já que quase 70% das traduções de obras literárias publicadas em Portugal são feitas a partir de obras escritas em inglês.

Enquanto língua de partida das traduções literárias, o português representa apenas 0,6% da totalidade das traduções desta temática, tendo à sua frente, nos lugares cimeiros, línguas com um número de falantes muito menor, como o sueco, o dinamarquês e o italiano, o que comprova que, de facto, o maior número de falantes de uma língua não implica a sua centralidade no sistema mundial de tradução e reflete que há outros fatores em jogo nesta dinâmica do mercado das traduções, nomeadamente questões políticas, económicas e culturais, que influenciam as políticas editoriais a nível mundial.

Cinco países são responsáveis pela publicação de 51% das traduções de textos literários escritos em português. São eles, por ordem decrescente do número de títulos traduzidos: Espanha, França, Alemanha, EUA e Reino Unido. Os três primeiros — Espanha, França e Alemanha — são responsáveis por mais de 43% destas traduções, sendo também, compreensivelmente e salvo raras exceções, os países onde os dez autores de língua portuguesa mais traduzidos são mais publicados. Estes são Paulo Coelho e José Saramago, como já referi, seguidos de Jorge Amado, Fernando Pessoa, António Lobo Antunes, Eça de Queirós, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, Machado de Assis e Lygia Bojunga Nunes.

Num estudo muito recente encomendado à Nielsen Book pelo *The Man Booker International Prize*, cujos dados foram publicados ainda este mês, vemos que, em 2001, o autor estrangeiro que dominava o *top* de vendas de ficção literária no Reino Unido era Paulo Coelho com duas obras, *O Alquimista* (em 1.º lugar) e *Veronika Decide Morrer* (em 6.º lugar). Em 2015, a única presença de uma obra escrita em português continua a ser *O Alquimista*, mas já no fundo da tabela, em 10º lugar.

Em 2012, o jornal britânico *The Guardian* publicou a lista das 100 obras de ficção mais influentes de todos os tempos, compilada a partir das respostas dadas por uma série de escritores de todo o mundo. Nela encontramos *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, *O Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa e *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Num estudo que levei a cabo e apresentei recentemente (Ferro, 2016), analisei as dez línguas mais traduzidas em cada um dos 28 países da União Europeia (UE), tendo verificado que, de acordo com os dados disponíveis no *Index Translationum*, enquanto o inglês, o francês, o alemão e o italiano estão presentes em todos os «top dez» das línguas de partida mais frequentes em cada país da UE, o português surge nas listagens de apenas dois países, Itália e Espanha. No entanto, se optarmos apenas por analisar a última década completa para a qual há registos de dados, verificamos que o português enquanto língua de partida tem vindo a demonstrar uma evolução positiva, tendo entrado nas listas das dez línguas mais traduzidas na Bulgária e na Grécia, respetivamente para a 8.^a e para a 9.^a posições. Em Espanha, as traduções a partir do português passaram da 10.^a para a 7.^a posição. Só em Itália e em França é que o português como língua de partida baixou de posição, no primeiro caso, tendo sido suplantado pelo japonês, e, no segundo caso, caindo para 14.^o lugar.

Como já referi, a posição que uma língua ocupa a cada momento no sistema mundial de tradução não é estática e as oscilações em termos geopolíticos e económicos provocam movimentações do centro para a periferia e vice-versa. Fazendo uma análise diacrónica dos dados disponíveis do *Index Translationum*, podemos identificar uma tendência de crescimento do português enquanto língua de partida nas últimas décadas, tanto ao nível da globalidade das traduções efetuadas a partir do português, como ao nível das traduções da temática Literatura. Tendo em conta a totalidade das traduções, até 1990, o português ocupava a 23.^a posição, com 0,4% das traduções. Considerando apenas as traduções literárias, até 1990, o português ocupava a 18.^a posição, com 0,5% das traduções, mas na década de 2000 a 2009, ascendeu para a 12.^a posição, com 0,7% das traduções.

Um relatório publicado em 2015 pelo Ministério da Educação, Cultura e Desporto espanhol sobre o panorama da edição em Espanha (PeEi, 2015), que contém dados que cobrem o período de 2010 a 2014, mostra uma ligeira subida das traduções a partir do português efetuadas em Espanha, de 0,2% para 0,3% tendo em conta todos os livros publicados no país, mantendo-se, nos últimos anos, na 8.^a posição e tendo vindo a distanciar-se do grego e do russo, que ocupam as duas últimas posições da tabela das dez línguas de partida mais traduzidas em Espanha. Em 2014, a distância entre o português e as duas últimas línguas da tabela (o grego e o russo) era já do dobro: 1,2% para o português e 0,6% tanto para o grego como para o russo. Tenho a consciência de que 1,2% parece um número irrisório, mas o que eu queria salientar aqui era o aparente aumento do interesse das editoras espanholas pela publicação de obras originalmente escritas em português.

Para concluir, diria que, se uma língua servisse simplesmente para transmitir informação, então uma única língua seria a solução ótima para a humanidade em termos económicos. Não sou eu quem afirma isto, mas sim, e em tom irónico, Jacques Méliet, um economista francês, que debate a influência, excessiva na sua opinião, dos bens culturais ingleses, concretamente a tendência para o mercado mundial privilegiar a tradução da literatura inglesa em detrimento de uma maior multiculturalidade no sector, tendência essa que o autor considera nociva para o bem-estar da humanidade (Méliet, 2007). Se, de facto, uma língua servisse apenas para transmitir informação, então a promoção do multilinguismo não faria qualquer sentido, pelo que deveríamos todos aprender a língua que parece estar em melhores condições de funcionar como língua de comunicação internacional, ou seja, o in-

glês. O inglês já é, aliás, a *lingua franca* em questões de segurança internacional, em muitas empresas multinacionais, nos mercados financeiros e em muitos outros sectores.

Contudo, uma língua é muito mais do que um veículo de comunicação. Uma língua carrega consigo toda uma carga cultural e uma mundividência própria de quem a usa, sobretudo como primeira língua. Publicada pela UNESCO em 2002, a declaração universal sobre a diversidade cultural dedica uma secção à diversidade cultural e à criatividade, promovendo o diálogo entre culturas. Nos artigos 8.º e 9.º, concretamente, reconhece-se que os bens e os serviços culturais, onde as traduções literárias se incluem, são vetores de identidade, valores e significado e, portanto, não podem ser tratados como simples mercadorias ou bens de consumo (UNESCO, 2002). Na secção seguinte, dedicada à diversidade cultural e à solidariedade internacional, alerta-se para o facto de que as forças de mercado, só por si, não têm a capacidade de preservar e promover a diversidade cultural, pelo que devem ser desenhadas políticas públicas e estabelecidas parcerias com o setor privado e com a sociedade civil de modo a acautelar a promoção da diversidade cultural.

Concretamente em Portugal existem alguns apoios e incentivos à publicação, no estrangeiro, de obras escritas em português e traduzidas para outras línguas, como é o caso do Programa de Apoio à Edição patrocinado pelo Camões — Instituto da Cooperação e da Língua. A Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas tem também em funcionamento um projeto de divulgação internacional da literatura e da ilustração em português, que, entre outros apoios, auxilia financeiramente os editores estrangeiros que queiram publicar traduções de obras escritas em português.

A inclusão de José Eduardo Agualusa na lista final dos seis autores selecionados para poderem vir a receber o *The Man Booker International Prize* de 2016, independentemente do resultado final — uma vez que acabou por não vencer o prémio, que foi atribuído à sul-coreana Han Kang — contribuiu, de qualquer forma, para dar maior visibilidade à literatura escrita em português. O autor angolano, aliás, figurou também já este ano na lista final dos dez potenciais galardoados com o prémio do melhor livro traduzido patrocinado pelo blogue *Three Percent* da Universidade de Rochester que referi no início da minha comunicação. Entre esses dez autores, contava-se também Clarice Lispector. Na categoria Poesia desse mesmo galardão, a vencedora foi a brasileira Angélica Freitas com uma colectânea dos seus poemas traduzidos.

Quis terminar com estes sinais positivos de que a literatura escrita em português vai ganhando a sua visibilidade internacional — e não podemos esquecer o Prémio Nobel da Literatura, que José Saramago recebeu em 1998 — mas há muito ainda por fazer em termos de políticas linguísticas e culturais, bem como, muito concretamente, em termos das políticas editoriais, que deverão dar um maior enfoque ao multiculturalismo e uma maior projecção à literatura escrita em português. Tracei aqui um retrato da periferia em que a literatura escrita em português se encontra atualmente tendo em conta o sistema mundial de tradução, mas olhando para estes e outros exemplos, acredito que a literatura em português poderá abandonar a periferia e ascender a um lugar de maior centralidade.

Referências:

- Donahaye, J. (2012). *Three percent? Publishing data and statistics on translated literature in the United Kingdom and Ireland*. País de Gales: Mercator Institute for Media, Languages and Cultures, Aberystwyth University.
- Ferro, M. J. (2016). “A tradução de originais em língua portuguesa na Europa”. 3.º Congresso Internacional — Pelos mares da língua portuguesa. Aveiro, 4 a 6 de maio.
- Heilbron, J. (1999). “Towards a Sociology of Translation Book Translations as a Cultural World-System”. *European Journal of Social Theory*, 2(4), 429-444.

- Heilbron, J. (2010). "Structure and dynamics of the world system of translation." UNESCO, International Symposium 'Translation and Cultural Mediation', 22-23 de Fevereiro.
- Méltiz, J. (2007). "The impact of English dominance on literature and welfare". *Journal of Economic Behavior & Organization*, 64(2), 193-215.
- PeEi — Panorámica de la edición española de libros 2014 (2015). Madrid: Secretaría General Técnica, Ministerio de Educación, cultura y deporte.
- Pordata (2015). *Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos* (1985-2014). Disponível em www.pordata.pt [19/04/2016].
- UNESCO (2002). Universal declaration on cultural diversity. World Summit on Sustainable Development, Joanesburgo, 26 de agosto a 4 de setembro. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127162e.pdf> [15/03/2016].